



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Dossiê Juventudes e Ensino Médio

Notas etnográficas sobre experiências religiosas juvenis na escola de ensino médio: o caso do Grupo Cristão do Bentão

Ethnographic notes on youth religious experiences in high school:
the case of the Christian Group of Bentão

Etnográficas sobre experiencias religiosas juveniles en la escuela secundaria: el caso del Grupo Cristiano Bentão

Ana Beatriz Gasquez Porelli
Dirce Zan

RESUMO

Com o objetivo de analisar as práticas de um grupo autogerido de jovens cristãos, de predominância evangélica, em uma escola pública de ensino médio na cidade de Campinas (SP), foi realizada uma pesquisa etnográfica com imersão no cotidiano do grupo, seus encontros e ações, presenciais ou virtuais. Identificamos a liberdade de trânsito do grupo na escola e o reconhecimento positivo de suas práticas por professores e funcionários. É possível afirmar que o grupo contribui para que seus integrantes estabeleçam vínculos religiosos mais fortes e expressem sua identidade religiosa em meio ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: juventude; ensino médio; religião evangélica.

ABSTRACT

To analyze the practices of a self-managed group of predominantly evangelical young Christians in a public high school in Campinas (SP), we conducted an ethnographic study, immersing ourselves in the group's daily activities, both in-person and virtual. Our observations revealed the group's freedom of movement within the school and the positive recognition of their practices by teachers and staff. The group facilitates the formation of stronger religious bonds among its members and enables them to express their religious identity amidst the school's daily routines.

Keywords: youth high; school; evangelicalism.

RESUMEN

Para analizar las prácticas de un grupo autogestionado de jóvenes cristianos, evangélicos en su mayoría, en una escuela secundaria pública en Campinas (SP), realizamos un estudio etnográfico, sumergiéndonos en las actividades diarias del grupo, tanto en persona como de forma virtual. Nuestras observaciones revelaron la libertad de movimiento del grupo dentro de la escuela y el reconocimiento positivo de sus prácticas por parte de profesores y personal. El grupo facilita la formación de lazos religiosos más fuertes entre sus miembros y les permite expresar su identidad religiosa en medio de las rutinas diarias de la escuela.

Palabras-clave: juventud; escuela secundaria; religión evangélica.

Introdução

A religião, historicamente, é um elemento importante na constituição da cultura brasileira. Recentemente, testemunhamos o crescimento notável dos evangélicos no Brasil, tanto em números como em sua participação ativa na esfera pública, o que aponta para uma mudança significativa na referência religiosa da população.

Além do aumento no número de seguidores, os evangélicos alcançaram uma posição de destaque social. Deixaram para trás o anonimato e o "complexo de minoria" que anteriormente os caracterizava, para fazerem uso de seu capital religioso na esfera política e colocar suas convicções religiosas na agenda pública com o intuito de "converter o pensamento cristão em políticas públicas" (Guadalupe, 2020). Nesse contexto, parece relevante, a partir dos estudos de juventude, perguntar: como esse movimento tem ocorrido entre os jovens estudantes do ensino médio? Como é percebido por eles, e o que os tem mobilizado?

Em linhas gerais, estamos entendendo por *evangélicos* os seguidores de uma religiosidade cuja origem remonta à Reforma Protestante que constituem na atualidade um segmento social diverso (Mafera, 2001). Esse segmento está distribuído em igrejas evangélicas de múltiplas e difusas denominações, enquadradas em vertentes do cristianismo protestante que historicamente se desdobrou em *protestantismo histórico*, *pentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Assim, algumas vezes os evangélicos podem ainda ser agrupados em tradicionais, históricos, de missão, evangelicais, pentecostais, neopentecostais ou, ainda, podem ser identificados a partir das denominações as quais pertencem (por exemplo: batistas, presbiterianos, assembleianos,

metodista, quadrangulares, etc). Dito isso, é preciso considerar os evangélicos um grupo não uniforme, pouco coeso e homogêneo.

Estudos focados na interação entre juventude e religião destacam a diversidade intrínseca às diferentes experiências juvenis, evidenciando a pluralidade dos jovens em relação às suas crenças religiosas. Revelam que a religião, de certa forma, é “um elemento integrante do mosaico da ampla diversidade da juventude brasileira” (Novaes, 2008, p. 263). Além disso, ao buscarem compreender os modos pelos quais se vinculam às diferentes crenças, são reveladas também as transformações nas configurações religiosas contemporâneas, contribuindo assim para o campo de estudos sobre religião. Entretanto, é notável a escassez de pesquisas que explorem as conexões entre afiliação religiosa e as formas como jovens estudantes atuam na resignificação da escola (Porelli; Zan, 2020). Com isso, buscamos investigar os jovens evangélicos, e em especial, as relações que estabelecem com a instituição escolar.

Os sujeitos da pesquisa¹ foram estudantes evangélicos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Campinas (SP), conhecida como Bentão – uma unidade da rede do Centro Paula Souza². O encontro com os pesquisados foi facilitado pela existência de um grupo religioso na escola que reunia jovens cristãos – o *Grupo Cristão* (GC), que atuava de forma autônoma e organizada no cotidiano da escola.

Essa foi uma novidade para nós, pois não contávamos com a possibilidade de haver uma organização juvenil religiosa no interior de uma escola de ensino médio, autogerida por jovens e com maioria evangélica. Nesse sentido, ficamos instigadas a ampliar nossos interesses de pesquisa e aterrissar no cotidiano escolar a partir das ações do GC, buscando entender

¹ Porelli, Ana Beatriz Gasquez. Jovens evangélicos e suas relações com a escola de ensino médio. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2024.

² “O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Presente em 363 municípios, a instituição administra 228 Escolas Técnicas (Etecs), 77 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais e 552 Classes Descentralizadas (unidades que oferecem um ou mais cursos, sob a administração de uma Etec). Atualmente, o CPS tem mais de 316 mil alunos matriculados em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos.” In: <https://www.cps.sp.gov.br/institucional/sobre-o-centro-paula-souza/> . Acesso em: 06 fev. 2024.

como se configurava essa organização juvenil, e como interesses religiosos individuais se encontravam em um coletivo no meio escolar.

Neste artigo, temos como objetivo debater a atuação do GC, apresentar e descrever suas práticas no cotidiano da escola, bem como discorrer sobre o que é ser jovem evangélico estudante na escola de ensino médio, segundo os participantes desse grupo. Esse trabalho se fundamenta nas entrevistas realizadas e nos registros de caderno de campo produzidos durante a pesquisa etnográfica.

Caminhos da pesquisa

As observações sistemáticas do GC aconteceram de abril de 2018 a dezembro de 2020³. Em 2018, foram acompanhadas reuniões que ocorriam semanalmente e eventos, como a *sorvetada*⁴. Ainda nesse período, dois jovens líderes e o secretário da escola – também evangélico e que sempre teve uma relação bastante amigável com o Grupo – foram entrevistados. O foco das entrevistas foi identificar a configuração do GC, conhecer aspectos da sua história e organização.

No período entre 2019 e 2020, a pesquisa de campo se intensificou, viabilizada pelo financiamento da Capes⁵. A pesquisadora passou a frequentar as diferentes ações do GC, dentro e fora da escola. Novamente, entrevistas semiestruturadas individuais foram realizadas com os líderes daquele ano. Além disso, deu-se início ao acompanhamento do Grupo nas redes sociais e, em especial, no grupo de WhatsApp. Em 2020, com a pandemia do Covid 19, as interações virtuais ganharam novos sentidos, revelando as possibilidades da etnografia para além dos espaços físicos presenciais.

Quando do início do acompanhamento do grupo em 2018, o GC contava com uma média de 30 jovens participantes nas reuniões principais que aconteciam às quintas-feiras, das 12h40 às 13h30, no auditório da escola. Nos

³ A pesquisa “Jovens evangélicos e a escola de ensino médio”, sob responsabilidade de Ana Beatriz Gasquez Porelli e Dirce Zan, foi aprovada pelo CEP/Unicamp, registrada no Número do CAAE: (15634819.8.0000.8142).

⁴ *Sorvetada* é o nome de uma atividade recreativa muito comum em Campinas e região, na qual reúnem-se as pessoas para tomar sorvete. Pode envolver a venda de sorvete ou apenas a confraternização. No caso do GC, a sorvetada não tem fins lucrativos, e é um momento de confraternização do grupo. Além do sorvete, também são realizadas gincanas e jogos.

⁵ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

mesmos horários, a cada 15 dias nas quartas-feiras, o grupo se reunia na sala de audiovisual para um momento de louvor e oração. Às segundas, seus integrantes dividiam-se em pequenos grupos de 3 a 5 jovens para realização de devocional⁶, e às sextas-feiras, as e os líderes se reuniam para planejar atividades e tomar decisões sobre as ações e o funcionamento do grupo.

No ano de 2019, as reuniões aconteceram menos no auditório e mais no jardim e na praça em frente à escola, contando com um número menor de participantes assíduos. Em média, cerca de 15 jovens a cada encontro. Também foram reduzidos os números de encontros semanais, mantidos apenas às quintas-feiras das 12h50 às 13h30. O Grupo passou a se encontrar também para orar antes das aulas, todos os dias às 7h20 da manhã.

Em 2020, as atividades do GC iniciaram com propostas e horários iguais aos do ano anterior. Contudo, só aconteceram 3 encontros presenciais no auditório com participação de aproximadamente 20 jovens. Pouco depois, as aulas foram suspensas devido à pandemia do Covid-19. O contato continuou via WhatsApp, que em pouco tempo se reorganizou para manter suas atividades virtualmente.

Nesse período, o grupo intensificou o uso das redes sociais, utilizando-se principalmente do Instagram. O ciberespaço passou a ser um importante campo para a realização da pesquisa. A partir da página do GC no Instagram, eram acompanhadas semanalmente as *lives* realizadas sempre por dois integrantes; pela plataforma do Google Meet participou-se dos encontros semanais em que ocorreram devocionais virtuais; e, ainda, foi mantida a interação individual com os pesquisados por meio de seus perfis pessoais do Instagram e do Facebook. Passando, assim, a explorar os terrenos digitais que os jovens circulavam e que o GC atuava. Em 2021, a participação nas atividades do grupo foi encerrada, mas o contato com os pesquisados permaneceu através das redes sociais e do grupo de WhatsApp.

⁶ Devocional é um termo utilizado entre os cristãos para denominar um tempo dedicado à reflexão, oração e estudo da bíblia, podendo ser individual ou coletivo, se diferencia de outros encontros espirituais por seu caráter mais introspectivo.

A presença do Grupo Cristão no Bentão

Desde o início da pesquisa de campo, buscou-se identificar os ritmos da escola, como sugere Pereira (2016). Inspirado nos ritmos urbanos de Lefebvre (2004), o autor propôs a leitura do pulsar dos ritmos e movimentos da escola na relação corpo e espaço. Ao observar práticas culturais juvenis na escola de ensino médio, Pereira (2016) identificou os *ritmos* que os jovens engendram na dinâmica escolar e como muitas vezes estas se contrapõem ao *ritmo* que a escola pretende impor aos estudantes, baseada em um ideal típico de aluno⁷. Assim, a zoeira ganhou ênfase no estudo do autor, que registrou os modos como ela acontecia e incomodava o trabalho docente, uma vez que tinha o intuito de romper com o ritmo disciplinar da escola. Ele destacou ainda que a configuração da escola, ou seja, pública e gratuita ou particular e paga; em bairros periféricos pobres ou localizada no centro da cidade, pode determinar a forma de tratamento que é dado ao jovem que confronta a ordem escolar. As indisciplinas dos jovens pobres das escolas públicas periféricas tendiam a virar caso de polícia e os estudantes eram tratados como delinquentes. Já nas escolas particulares ou no centro da cidade, os estudantes não eram classificados dessa forma, seus atos não vinham a público e eram justificados como sendo “natural da idade” (Pereira, 2016).

O *ritmo* do GC se contrapunha aos ritmos da zoeira identificados por Pereira (2016) e muito facilmente se adequava ao ritmo disciplinar esperado pela escola. Isso pareceu agradar principalmente aos funcionários, que de certo modo observavam constantemente os comportamentos dos estudantes fora de sala de aula. Esse fato ficou bastante evidente quando os vigias da escola foram informados sobre a pesquisa em andamento e a proposta de se acompanhar semanalmente os encontros do GC. Nesse momento, ouviu-se inúmeros elogios aos participantes do Grupo. Um vigia reafirmou o que já havia sido dito por outros funcionários: “são meninos de ouro”.

Eu fico muito feliz em ver esses meninos. Eles são diferenciados. Têm os [estudantes] que quando saem da escola, saem para namorar por aí, fumar, só fazer coisa errada. Esses alunos aí não. Tem vez até que eles saem pra orar pelas

⁷ Para discutir sobre a noção de aluno, Pereira (2016) recorre aos estudos de Gimeno-Sacristán (2005).

peessoas, falar de Jesus. Eles são meninos de ouro (Vigia Escolar, Registro do Caderno de Campo, 26 de abril de 2018).

A orientadora pedagógica foi a primeira referência na escola para a pesquisadora. Foi ela que apresentou os pátios, refeitório, jardim, horta, quadras esportivas, os vários espaços à disposição dos estudantes para seu tempo livre e sem muitas interferências dos adultos. Em pouco tempo na escola, foi possível notar uma relação entre os jovens estudantes e a instituição distinta de outras já conhecidas. O Bentão possuía espaços abertos e com muito verde, ocupados livremente pelos estudantes nos horários de intervalo, eles utilizavam os equipamentos esportivos e tinham liberdade para entrar e sair da escola quando quisessem. Ademais, o uso de uniforme não era obrigatório e alguns grupos de jovens faziam pequenas rodas de violão, o que nos permitiu de certo modo identificar estilos, gostos e interesses diversos dos jovens. Contudo, logo no início não foi observada nenhuma característica dentre esses grupos que permitisse, de alguma forma, presumir que eram jovens evangélicos.

Na medida em que transitava mais pela escola, a pesquisadora era saudada com muita simpatia por funcionários. Inúmeras foram as manifestações espontâneas e afirmativas sobre o GC e seus participantes, ressaltando o quão eram “responsáveis”, “exemplares” e “bons alunos”, deixando claro o quanto esse grupo de jovens era bem querido pela escola e ocupava um lugar privilegiado em relação a outros. Começamos a ponderar qual seria o motivo desses estudantes terem tamanho prestígio entre os funcionários. Seria devido ao tempo de formação do grupo e a constância de suas atividades? Ou seria o fato de ser um grupo que envolve religiões cristãs?

O secretário da escola, que era carinhosamente chamado pelos estudantes de Tio e também era evangélico, foi um importante mediador na relação com o Grupo. No primeiro contato, ele conduziu a pesquisadora até o auditório onde estava acontecendo uma reunião do GC. No caminho contou que tinha uma relação bastante amigável com os estudantes, em especial, os participantes desse grupo que ele observava desde sua fundação, com isso, garantiu que a pesquisadora seria muito bem recebida no meio deles, “*porque eles são de Deus*” (Secretário Escolar, Registro do Caderno de Campo, 26 de abril de 2018).

Nesse dia, no caminho ao encontro do Grupo, algumas vezes se fazia necessário aumentar o volume da voz para que funcionário e pesquisadora conseguissem se entender. Existia um barulho alegre produzido pelos jovens que ainda estavam no intervalo. Mas, à medida em que se aproximavam do auditório, os ruídos externos diminuía. Mesmo permanecendo um burburinho, no auditório, os jovens já se preparavam para iniciar a reunião. Havia, portanto, um outro ritmo no interior, diferente dos ritmos dos jovens do lado de fora.

Os ritmos do lado de fora, produzidos pelos jovens que estavam no pátio, se assemelhavam aos *outros ritmos* da escola descritos na pesquisa de Pereira (2016). Possuíam uma dinâmica própria da cultura juvenil que soa muitas vezes como barulho e desorganização ao mundo adulto e segundo o ritmo disciplinar que prevalece na escola. Já o ritmo no interior do auditório, de certo modo, reverberava um ritmo de fora da escola, comumente encontrado nas instituições religiosas e que não entrava em conflito com o ritmo disciplinar. Expressava, dessa forma, uma organização inteligível aos adultos que o observavam.

Entre os professores, quando me apresentava, a reação era diferente da dos funcionários. No geral, eles comentavam sobre haver muitos estudantes evangélicos na escola, sem tecer elogios ou esboçar alguma preferência por estes estudantes. Quando entrevistados, alguns se valiam da existência do GC na escola para caracterizar a liberdade de crença dos estudantes, considerada por eles, como fundamental para construção de uma escola laica. A única fala contestadora sobre presença do GC no espaço escolar foi a de uma professora da área das ciências humanas que presenciou um grupo de estudantes feministas tentar se organizar e receber tratamento diferente ao que era dado ao GC.

[...] o grupo cristão pode pegar o salão nobre de boa. O resto é a maior encheção de saco, porque só grupo cristão pode? A gente fez discussão de gênero no grupo de combate a violência, aí tem lá as cartilhas contra assédio, estávamos lendo a Chimamanda, e as meninas começaram um grupo feminista. Olha só que lôco, aí algumas professoras. Professoras, viu? Elas começaram a ficar em pânico das alunas estarem se reunindo e conversando. Então, começaram a falar: “tem um monte de alunas que querem discutir textos feministas, alguém, algum professor está junto?”. Aí eu pergunto: “O grupo cristão tem um professor junto? Não!”. Então, é assim, sem ficar muito claro, mas agora desse jeito

está bem claro sem fazer associação, sim, é uma escola que tem bastante intolerância à diversidade religiosa. Muita intolerância! E bastante receosa por parte dos professores dos discursos feministas (Professora C.).

Com o relato da professora e as manifestações positivas em relação aos participantes do GC, foi possível observar como, dentro de uma mesma escola, um marcador religioso pode colocar um grupo em lugar de privilégio em relação a outro. Os integrantes do GC notadamente recebiam tratamento diferenciado e eram associados a um ideal típico de bom aluno pela identificação entre funcionários e estudantes de mesma religião.

No Bentão, ainda que a presença religiosa cristã não se apresentasse por meio de símbolos no espaço escolar e, como metaforicamente afirma Cunha (2013), não entrasse na escola pelas portas da frente (na forma de Ensino Religioso), foi possível afirmar que ela entrava pela porta dos fundos através dos próprios alunos que reivindicavam um espaço para expressão de sua identidade religiosa e encontravam acolhimento para fazê-lo.

Atuações do GC: a influência da religião evangélica

Segundo relatos obtidos durante a pesquisa de campo, o início do GC do Bentão se deu em 2000 quando um estudante evangélico que levava o violão para escola começou a incluir canções religiosas no repertório musical que reunia os colegas em rodas de música nas aulas vagas e intervalos. Os estilos musicais gospel e popular, sobretudo entre o público juvenil evangélico e católico carismático, passaram a atrair outros jovens da Etec com pertencimento religioso cristão. Além dos momentos musicais, surgiu entre esses estudantes o desejo de se reunir para orar. Para isso, pediram a autorização da direção escolar para usarem uma sala uma vez por semana. Em pouco tempo, foi estabelecida uma liderança e consolidou-se em um grupo autogerido, com reuniões semanais, autodenominado Grupo Cristão (GC) do Bentão.

De 2018 a 2020, observou-se três transições de lideranças. A cada mudança de liderança, mantinham-se as atividades de reuniões semanais, sorvetadas no final de cada semestre e evangelismos esporadicamente. Alguns princípios se perpetuavam: manter boas condutas no cotidiano da escola, atrair novos estudantes ao grupo, preparar novos líderes, não divulgar

nomes de igrejas, e focar apenas no cristianismo e no amor. Algumas alterações aconteciam nas abordagens e nos modos de conduzir as reuniões, elaborar as mensagens e proporcionar o momento de louvor, em razão das competências e habilidades do líder. Contudo, as referências dos líderes utilizadas na elaboração das mensagens se centravam principalmente nas experiências vividas em suas igrejas – todas evangélicas – conforme consta nos registros do Caderno de Campo:

Sara (líder do GC em 2020) introduz o tema da mensagem - Gratidão - explica que esse tema também foi discutido na mesma semana na célula de jovens que frequenta e, então, resolveu trazer no grupo (Reunião do GC, em 19 de setembro de 2019).

Rebeca propõe uma dinâmica no grupo, explica que essa foi feita na célula de jovens que ela participa em sua igreja e espera que ninguém conheça para que a “mágica seja surpresa para todos”. Na dinâmica, ela usa quatro cadeiras e quatro pessoas, todas se sentam e em seguida deitam o troco sobre o outro de uma forma que depois ela retira as cadeiras todos permanecem na mesma posição, apoiados uns nos outros. Depois ela discutiu sobre o tema Amigos na fé (Reunião do GC, em 11 de abril de 2019).

Hoje aconteceu o primeiro dia de devocional on-line utilizando o Google Meet, Paulo explicou que o material proposto é o mesmo que está sendo usado nos devocionais das células da igreja dele, Sara também relatou que já conhece o material e que também utilizam na sua igreja. Se trata de Planos Bíblicos do App da Bíblia Online/NVI - Nova Versão Internacional. Justificaram que ler e discutir juntos seria diferente de quando leram em suas igrejas (Devocional online, 21 de setembro de 2020).

A elaboração das mensagens e estudos propostos pelos jovens líderes, assim como os modos como lideram e organizam o grupo, refletem as ações educativas investidas pelas igrejas evangélicas por eles frequentadas.

O protestantismo tradicionalmente investiu na formação e preparação de lideranças, delegando aos fiéis a missão evangelizadora, seja através de ações coletivas organizadas ou práticas individuais. Dessa forma, os estudos bíblicos são valorizados nas igrejas evangélicas enfatizando não só conhecimentos sobre a bíblia, mas também a expansão da mensagem e a comunicação do que se aprende.

As chamadas “células”, mencionadas pelos líderes do GC, exigem destaque. *Célula* é o nome atribuído a um tipo de grupo, fruto do projeto de

visão celular, o qual vem sendo adotado como principal estratégia de formação de líderes nas igrejas pentecostais e neopentecostais, tendo em vista a expansão do número de membros (Oro, 2008). Acontecem principalmente durante a semana e não necessariamente no espaço da igreja. Ao invés de reunir os membros em um culto formal no prédio da igreja, os fiéis se reúnem em grupos menores divididos por idades, interesses, afinidades, etc., para estudos bíblicos, momento de louvor e oração, normalmente com material dirigido pela igreja. Na célula, o líder pode ser qualquer fiel, “que é ‘desafiado a sonhar com uma igreja cheia’, a ‘cuidar bem das pessoas’” (Gomes, 2010, p. 78).

Para os evangélicos, a missão de evangelizar não é exclusividade dos dirigentes da igreja, mas de todo aquele que se converte. Não basta que o convertido frequente o templo, é preciso que ele atue, se envolva, evangelize, *faça a diferença no mundo* e, assim, leve novos membros para a igreja. Além da associação à uma igreja, os evangélicos tendem a atuar de forma comprometida dentro e fora dos espaços religiosos. Com esse intuito, os jovens buscavam dar visibilidade ao GC, tornar pública a sua presença a fim de que “todos saibam que aqui tem jovens de Deus” (Miriã, 18 anos, Líder do GC em 2018).

Para tanto, nas reuniões, os líderes incentivam os participantes a convidar outros estudantes. O convite, por sua vez, envolvia ressaltar o interesse do Grupo exclusivamente em torno de práticas cristãs e, ainda, mostrar-se como um modelo de vida para os demais. “A gente tem identidade de cristão, a gente quer mostrar isso. A gente tem que mostrar isso. Para que os outros vejam que somos diferentes” (Miriã, 18 anos, Líder do GC em 2018). Sobretudo entre os líderes, era demandado uns dos outros que condutas e comportamentos entendidas como coerentes com a posição de cristão fossem prezadas no dia-a-dia da escola. Isso envolvia, como exemplos mencionados e observados, não colar nas provas, ter um bom comportamento em sala de aula, respeitar os professores, ter boas relações com os demais estudantes.

Outra maneira encontrada pelo GC de tornar pública sua presença na escola era se reunir pela manhã para orar antes do horário de entrada em frente ao portão da escola. Por volta das 7h20 (dez minutos antes do sinal para entrada), eles faziam um círculo se abraçando e oravam pelas aulas do dia e

demais pedidos de oração elencados pelos jovens. Diferente das reuniões que aconteciam em espaços mais reservados, esse momento era aos olhos de todos os estudantes que chegavam.

O Grupo organizava-se ainda em ações fora da escola. Ao menos uma vez por semestre, no horário de intervalo, os jovens se dividiam em grupos pequenos e iam às ruas dos arredores da escola para orar pelas pessoas que por lá transitavam, a maioria trabalhadores do comércio local que estão em seus horários de almoço. Nos pequenos grupos que acompanhei na atividade, ao abordarem as pessoas, se apresentavam como Grupo Cristão do Bentão e perguntavam se podiam orar por elas. Algumas poucas recusaram, a maior parte aceitava e expunha os problemas de diversas ordens pelos quais queriam a oração. No final do primeiro semestre de 2019, o GC se uniu a outros três grupos cristãos juvenis de escolas de Campinas e realizaram ação semelhante no centro da cidade. Uma série de atividades foram pensadas para chamar a atenção dos passantes: teatro, música, cartazes com a frase “abraço grátis” e por fim, uma mensagem com apelo voltado às pessoas que se sentissem tocadas *a mudar de vida* e que quisessem uma oração especial.

Dar visibilidade à crença não é um ato neutro, mas inscrito numa lógica cristã de divulgação e revelação. Ocupar os espaços públicos e divulgar princípios religiosos é por si só a realização de um valor evangélico-pentecostal, uma forma de expressão religiosa característica do campo pentecostal. Nesse sentido, estar e fazer pública a fé são elementos estruturantes da religiosidade de seus seguidores (Meyer, 2011). Não obstante, sendo o GC majoritariamente composto por evangélicos, tal lógica orienta em alguma medida o modo do Grupo e seus participantes se relacionarem com a escola e com o espaço público.

Ao mesmo tempo, observamos que as referências que os jovens utilizavam para construir as dinâmicas que davam corpo ao GC não se limitavam àquelas apreendidas nas igrejas. Durante as mensagens era bastante comum que fossem citados vídeos do *YouTube*, perfis do Instagram, filmes, livros e canções, que todos conheciam e que não necessariamente estavam associados ou eram divulgados nas igrejas dos jovens, mas que eles acessam principalmente via internet e redes sociais.

Antes que começasse a entrevista em profundidade com Rebeca (líder do GC em 2019), já com o gravador ligado, conversamos sobre o vídeo que ela compartilhou no grupo do WhatsApp e que estava relacionado com a mensagem que ela desenvolveu na reunião sobre as redes sociais. Nesse momento, eu a questionei sobre como pensou o tema, e ela explicou: “Eu falei um pouco em cima disso tudo. Aí eu falei como rede social é um instrumento muito forte pro ego e tudo mais. E eu comecei falando dessa música que me fez pensar tudo isso. Só que aí, como o grupo foi no jardim, eu não tinha a estrutura pra mostrar a música e tudo mais. Aí eu fiquei de mandar lá no grupo (de WhatsApp) o vídeo que ele mostra a música e explica tudo. A música não é cristã mas puxa umas ideias legais (...) O canal do Youtube é o Dois Dedos de Teologia, depois você vê lá, é muito bom, sempre tem temas bem profundos.” (Registro do Caderno de Campo).

Durante a Live transmitida no Instagram do GC, em 24 de agosto de 2020, Sara dá um exemplo sobre a perfeição de Deus, onde surge uma piada interna nos comentários. Não entendi do que se tratava, os jovens se chamavam de “Terra”, aí descobri que eles imitavam a Patrícia Ramos (perfil no Instagram: @patriciaramosr) da Igreja Oceans In Move. Me explicaram que ela é “maravilhosa”, a “pessoa mais incrível do mundo”. Trata-se de uma jovem negra de 21 anos que é blogueira cristã, cantora, modelo, empreendedora e humorista que ganhou prêmio de destaque do ano nas redes sociais. “Para com isso, Terra!” É o jargão que ela inventou para se comunicar com os seus milhões de seguidores no Instagram, onde de forma humorada ela dá conselhos de todos os tipos (relacionamento, moda, carreira, empreendedorismo, entre outros), canta e testemunha como prosperou e superou a baixa autoestima (Registro do Caderno de Campo).

Com isso, foi possível observar que são múltiplas as referências sobre religiosidade dos jovens, não estão unicamente vinculadas à igreja que frequentam, mas também podem ser mediadas por uma mídia evangélica acessada virtualmente por eles. Como constata Novaes (2016; 2018), a internet é cada vez mais relevante para formação religiosa das gerações mais novas, uma vez que “no momento histórico o mundo presencial e virtual se imbricam constituindo uma nova realidade” (Novaes, 2018, p.353). Assim como na segunda e terceira onda pentecostal (Freston, 1993) o rádio e a televisão foram fundamentais meios de divulgação e expansão da religião evangélica, nos últimos anos a internet assumiu esse papel, com a diferença de que ela não está limitada à um canal e uma programação, mas apresenta incontáveis possibilidades de escolhas religiosas e não religiosas.

O GC é um espaço religioso construído para e pelos jovens em interação com o espaço escolar e configura uma espécie de laboratório de experiências religiosas juvenis. Há muitos relatos de jovens que anteriormente ao ensino médio não haviam estabelecido vínculos religiosos fortes e o GC teve importância significativa para que eles passassem a se envolver mais e estabelecer compromissos com uma igreja. Há ainda casos mais isolados de conversões de jovens no espaço do GC, como é o caso de Miriã, que ao ingressar no Bentão não pertencia a nenhuma igreja e, após sua conversão frequentando o GC, buscou uma igreja evangélica próxima de sua casa para se batizar e tornou-se líder em 2018.

Na primeira reunião do ano de 2020, (26 jovens presentes, maioria do primeiro ano, 5 católicos (maior número de católicos registrados) e o restante evangélicos), Paulo apresentou o GC e pediu para que cada um se apresentasse, dizendo o nome, o curso e ano, se participa de alguma igreja, se é a primeira vez que está ali e as expectativas em relação ao GC. Nesse momento, registro as motivações de alguns jovens em frequentar o grupo ou procurá-lo pela primeira vez: “eu venho no grupo desde o ano passado, quero continuar participando porque aqui a gente encontra amigos que pensam como a gente, que querem louvar a Deus” (Rute, 17 anos), “participar do grupo é uma forma de buscar pessoas para se identificar e que compartilham da mesma fé que você” (João, 16 anos); “eu já ia na igreja, mas foi aqui no grupo que eu passei a ter mais intimidade com Deus” (Pedro, 17 anos); “o grupo dá um suporte pra gente viver o ensino médio” (Sara, 17 anos), “eu sou o único na minha família que vai na igreja, então, eu achei bem legal que aqui na escola posso encontrar outros cristãos” (Felipel, 15 anos); “eu vim porque a escola precisa de Deus” (Ana, 15 anos); “o pessoal da minha sala de aula só falam de jogos, aí eu soube do GC e acabou que todos meus amigos na escola estão aqui” (Tiago, 16 anos) (Registro do Caderno de Campo, 13 de fevereiro de 2020, auditório da escola, primeira reunião do ano).

GC: “um grupo cristão sem denominação focado em falar de Cristo”

Durante a pesquisa de campo, identificou-se apenas duas jovens que eram da igreja católica carismática e que frequentavam assiduamente o GC. Mesmo com maioria evangélica, havia, por parte do Grupo, um esforço de não se identificar com uma denominação religiosa em especial. Com todos os jovens com os quais se conversou sobre o GC, e em toda ocasião em que o grupo era apresentado ao público mais amplo da escola, salientava-se que ele

não estava vinculado a uma denominação evangélica e que seu foco estava no cristianismo, não em “divulgar placa de igreja” (Paulo, 17 anos, Líder do GC 2020).

A gente não foca, tipo pra nenhum tipo de religião específica. Quando a gente passa dando os recados, a gente fala que é só pra falar sobre amor, amor de Cristo. E a gente não foca em coisas ou pautas para religiões específicas, sabe? Então, tipo o grupo cristão. Ele é para quem quiser vir, então. A maioria é evangélico. Não vou mentir, tipo a maioria é evangélico mesmo, tem alguns católicos (Sara, 17 anos, Líder do GC em 2020).

Outro exemplo disso é a imagem abaixo (Imagem 1), um convite para a reunião que circulou no grupo de WhatsApp e em formato impresso nos murais da escola no ano de 2019. Essa mesma imagem e outras semelhantes foram divulgadas outras vezes pelo grupo. Na imagem, lê-se: “*Grupo Cristão Um grupo sem denominação focado em falar de Cristo*”.

Imagem 1 – Folder convite para reunião do GC



Fonte: Arquivo da autora.

Esse é um aspecto que chamou a nossa atenção uma vez que, segundo Oro e Tadvold (2019), na sociedade brasileira, por longo período histórico

considerava-se cristão como sinônimo de católico. Essa equivalência só deixou de existir nas últimas décadas com a expansão do pluralismo religioso em que os evangélicos, especialmente os pentecostais e os neopentecostais, romperam com esse paradigma e um numeroso setor da sociedade passou a se considerar cristão sem ser católico (Oro; Tadvald, 2019).

Quando o GC se afirma como *cristão*, abre-se a possibilidade de agregar ao grupo diversas vertentes do cristianismo e ao desvincular-se do *rol* evangélico é possível alcançar um número maior de participantes que se identificam ou simpatizam com a linguagem religiosa cristã. Podemos, assim, pensar que o nome genérico de GC constrói uma pedagogia de si, como diriam Monteiro, Silva e Sales (2018), para produzir maior visibilidade publicamente e, ao mesmo tempo, evitar divergências internas.

Ao promover-se enquanto grupo com foco em práticas cristãs, distanciado de “placas de igrejas”, o GC evitava conflitos que poderiam surgir no convívio entre as diversas denominações evangélicas, igreja católica e outras religiões.

O grupo cristão não é de nenhuma religião, tem católico, tem batista, presbiteriano, várias denominações. Importante é realmente ir lá, quem realmente acredita em Cristo, sabe? Então é realmente a gente faz tudo na base da palavra, não em base de alguma ideologia de alguma igreja (Rebeca, 17 anos, Líder do GC em 2019).

Dessa forma, o grupo reconhecia a pluralidade de opiniões e práticas que coexistem internamente no cristianismo, e por isso focavam em objetivos comuns, que os uniam. Além disso, durante as observações e entrevistas, notou-se um certo desconforto por parte de alguns jovens em se identificar como *evangélico*, alguns preferiam dizer que eram cristãos, mesmo pertencendo a uma igreja evangélica, temendo ter sua imagem associada aos grupos políticos conservadores. Rebeca explicou esse *mal estar* vivido por ela em entrevista.

[...] está tendo muito isso de o evangélico como uma pessoa hiperconservadora. É que como nós temos nosso presidente [Bolsonaro - PL (2019-2022)] que está falando algumas (...) muitas coisas mais nada a ver, uma atrás da outra por sinal, e aí de vez em quando acontece os conflitos assim, sabe? O pessoal chega e fala alguma coisa “porque é coisa de igreja evangélica”. Aí quando tem essa abertura, tipo na aula, eu

tento meio que tipo falar “olha calma lá, não é bem isso assim”. Mas às vezes quando não tem abertura eu deixo quieto, sabe? Tem muitas ideias erradas que as pessoas têm. Porque tem muita ideia errada assim. Então, mas nesses momentos sabe quando alguém chega e fala “não porque todo cristão, por exemplo, vai ser contra isso”, ou “porque eles são super conservadores”. Não é bem isso é bem diferente porque a gente nunca teve uma posição política, então, não tem como a gente chegar e falar “não porque cristão é necessariamente direita”, mesmo que a maioria seja mesmo” (Rebeca, 17 anos, Líder do GC em 2019).

Algo semelhante foi observado nas pesquisas recentes de Almeida (2019). O autor relatou que tem sido bastante comum que evangélicos não desejem ser associados publicamente à *igreja evangélica* e nem ser chamado de evangélicos, devido ao desgaste da imagem que se associou aos políticos evangélicos com posicionamentos conservadores e aos escândalos políticos, econômicos e sexuais envolvendo pastores (Almeida, 2019).

Durante todo o período em que o Grupo foi acompanhado presencialmente, não foi observada nenhuma manifestação de ordem política entre os membros nos espaços de atuação do GC, mesmo considerando a polarização política vivida pelo país naquele momento. Todos pareciam se policiar em não manifestar opiniões que não fossem religiosas, com o intuito de evitar divergências. Era como se eles reconhecessem que entre os cristãos há temas que podem não ser consenso e, portanto, o mais sensato seria manter o foco apenas nas questões que os unia.

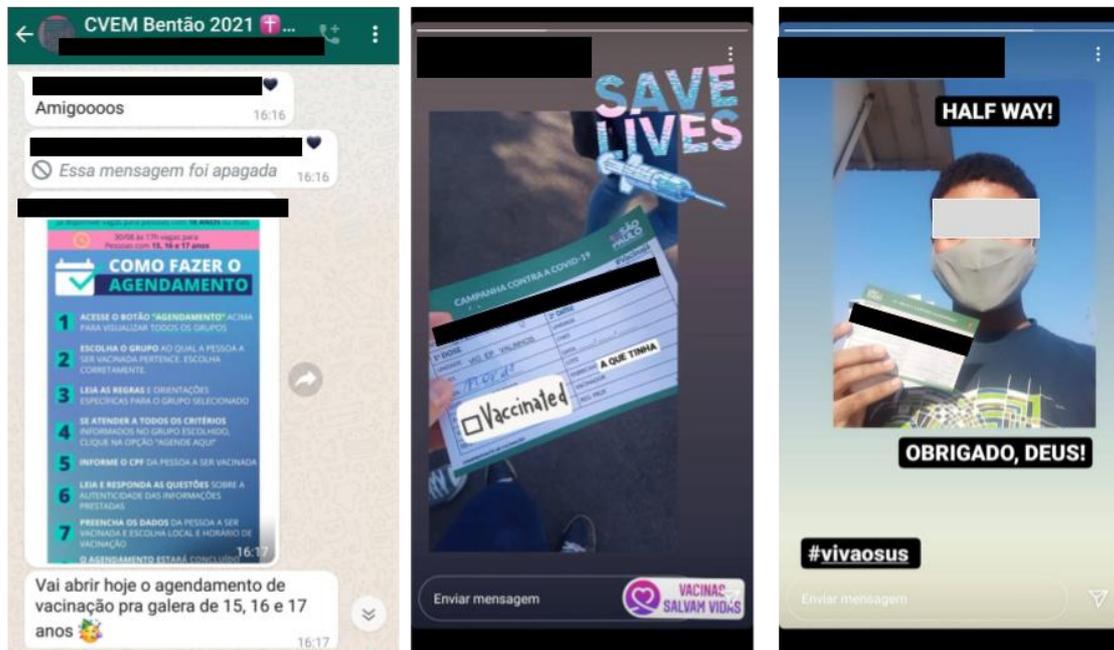
Contudo, foi em meio a pandemia, em 2020, que o Grupo se posicionou sobre um tema mais amplo e politicamente sensível. No momento em que se instalou a pandemia da Covid-19, em 2020, e as aulas foram suspensas, teve início o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e os usos das redes sociais e grupo de WhatsApp foram intensificados pelo GC. Os encontros, ainda que remotamente, seguiam servindo como rede de apoio e de sociabilidade – no sentido simmeliano – conferindo suporte emocional aos jovens que se encontravam muito inseguros com tudo que acontecia naquele momento. Ademais, era muitas vezes o único espaço em que eles desabafavam, comentavam os “perrengues” da vida no isolamento social e as dificuldades em manter uma rotina de estudos (Porelli; Zan, 2022).

Quando viralizou a hashtag #AdiaENEM, chamada pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) em maio de 2020 visando o adiamento do cronograma do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) daquele ano, os participantes e liderança utilizaram o grupo de WhatsApp do GC para chamar a atenção ao tema e incentivar as postagens da hashtag nas contas pessoais.

Assim, a tag sobre o adiamento do ENEM se mostrou como tema passível de união em vista da notória sensibilização que houve entre os estudantes, e não à toa ela esteve entre os assuntos mais comentados da internet, diversas vezes (Ubes, 2020). Em matéria do El País de 12 de maio de 2020, esse movimento foi retratado como um “choque de consciência sobre privilégios e injustiças do Brasil durante a pandemia”, por terem sido enfatizadas as contradições de se realizar o principal exame de ingresso ao ensino superior no país em um momento em que os jovens estavam fragilizados por inúmeros aspectos. O GC, de certo modo, também foi mobilizado por essa onda.

Quando iniciada a vacinação contra Covid-19 dos adolescentes de 15 a 17 anos, em 2021, a notícia circulou no grupo de Whatsapp com comemoração e agradecimentos a Deus, sendo também divulgado por eles algumas orientações sobre como realizar o agendamento da vacina. Também foi possível observar, nas contas pessoais do *Instagram* dos participantes, as hashtags #vivaosus, #vacinasalva, conciliada algumas vezes com frases como “Glória à Deus!”, “Obrigado, Deus!”. Conforme mostra a Imagem 2.

Imagem 2– Vacinação dos jovens (segundo semestre de 2021)



Fonte: Arquivo da autora.

Essas ações evidenciaram que os membros do GC reconheceram a relevância da vacinação, da ciência e do Sistema Único de Saúde (SUS) no combate à pandemia. Isso indicou que esses jovens evangélicos não aderiram às narrativas negacionistas frequentemente promovidas por atores políticos que se apresentavam como representantes dos cristãos e lideranças evangélicas⁸.

Essa situação levou à percepção de que há um pluralismo de opiniões que circulam no meio evangélico, assim como o pertencimento religioso do jovem não necessariamente o limita na crítica e na construção dos seus próprios pensamentos baseados em experiências religiosas e extra-religiosas. Esses resultados corroboram o estudo de Fernandes (2019), que analisou a relação entre a religiosidade da juventude e a influência da cultura midiática contemporânea, mostrando que há uma crescente fluidez no exercício da fé, a qual possibilita a promoção de inovações e contestações do campo religioso. Portanto, para aqueles que buscam entender as juventudes contemporâneas, é essencial considerar a atuação dos jovens com vínculos à religião evangélica,

⁸ O estudo de Guerreiro e Almeida (2021) analisou como líderes pentecostais brasileiros colaboraram com o governo de Jair Bolsonaro na gestão da pandemia de COVID-19, promovendo o negacionismo. Os autores argumentaram que esse negacionismo, muitas vezes justificado com argumentos religiosos, serviu como uma estratégia de poder fora dos princípios democráticos, com o objetivo de apoiar um projeto político comum.

levando em conta sua capacidade de crítica e ação dentro do contexto histórico e social em que estão inseridos.

Considerações finais

Na pesquisa, buscou-se conhecer as ações do Grupo Cristão do Bentão, a fim de entender como se configurava essa organização juvenil e como interesses religiosos individuais se encontravam em um coletivo no meio escolar. Dessa forma, mostramos algumas formas próprias de raciocínio e ativismo social e político desse grupo.

Encontramos um grupo de jovens que prezava pelo distanciamento das denominações e “placas de igreja”, como mencionado, e isso refletiu não só na estrutura e práticas do Grupo, mas também em uma certa liberdade em elencar temas e pautas para os encontros, com assuntos que eram de interesse dos jovens cristãos – sobretudo, nas nuances entre o que cada líder traz para o Grupo. Ademais, o pertencimento ao GC permitia viver as experiências de autonomia e liderança que tanto são valorizadas e almejadas pelos jovens. Havia ali a possibilidade de se propor atividades, debater temáticas do interesse comum e atuar sem a supervisão de um adulto ou autoridade escolar.

Dessa forma, o GC se constituiu em um espaço religioso construído para e pelos jovens, em interação com o espaço escolar e que contribuía para que seus integrantes estabelecessem vínculos religiosos mais fortes e expressassem sua identidade religiosa em meio ao cotidiano escolar.

Notou-se que nas atuações e práticas desenvolvidas no âmbito do GC, prevaleciam a presença dos evangélicos e, conseqüentemente, princípios e valores que estruturam a religiosidade dos pertencentes a esse grupo. Ficou evidente que o “pontapé” inicial para a consolidação de um grupo religioso juvenil no Bentão foi dado por jovens evangélicos que ousaram manifestar publicamente sua fé no espaço escolar. Eram os evangélicos que faziam perpetuar e manter ativo o grupo, liderando e promovendo uma série de atividades, dentro e fora da escola, que expressam a religiosidade cristã.

Em uma situação atípica, como a pandemia, observamos que os jovens evangélicos não aderiram aos discursos negacionistas que foram inúmeras vezes mobilizados por atores políticos que se dizem representantes dos cristãos e por lideranças evangélicas midiáticas, mostrando assim uma certa

capacidade de contestação crítica e ação em relação ao contexto histórico vivido.

As expressões religiosas realizadas cotidianamente no interior da escola, as orações e os eventos nos arredores da instituição, aproximavam indivíduos dos seus semelhantes, reforçando os laços que os uniam. Nesse sentido, o Grupo promovia o encontro entre os jovens cristãos e, ainda, encontrava valorização da escola via funcionários também religiosos. A escola cedia espaço, seja no sentido literal ou metafórico, à manifestação religiosa e à agremiação desses jovens, o que se materializava via GC.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 38, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>>. Acesso em 21 jul. 2023.

CUNHA, Luiz Antônio. O Sistema Nacional de Educação e o ensino religioso nas escolas públicas. *Educação & Sociedade*, v. 34, n. 124, p. 925-941, set. 2013. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000300014>>. Acesso em 02 jun. 2022.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Entrechoques e múltiplas pertencas religiosas: aspectos da cultura religiosa e midiática entre Jovens Contemporâneos no Brasil. In: Tostes, Angélica; Claudio de Oliveira Ribeiro. (Org.). *Religião, diálogo e múltiplas pertencas*. 1ed. São Paulo: Anablume, 2019. pp. 35-57

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment (Tese de doutorado)*. IFCH, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, São Paulo, 1993.

GUADALUPE, José Luis Pérez. ¿Políticos Evangélicos o Evangélicos Políticos? Los Nuevos Modelos de Conquista Política de los Evangélicos. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian. (Org.). *Evangélicos y Poder en América Latina*. 1ed. Lima - Perú: Konrad-Adenauer-Stiftung (KAS), 2018. pp. 11-106.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade*, v. 41, n. 2, p. 49–74, mai. 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>> Acesso em 23 set. 2023.

GOMES, Elias Evangelista. *Práticas socializadoras do gosto sexual e do exercício do sexo*. Etnográfica, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 51-57, fev. 2015.

- LEFEBVRE, Henri. *Rhythmanalysis: space, time and everyday life*. Londres/Nova Iorque: Continuum, 2004. 112p.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. 1ed. Zahar. 2001. 92p.
- MONTERO, Paula; SILVA, Aramis Luis; SALES, Lilian. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 24, n. 52, p. 131-164, Dec. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000300006>> Acesso em 10 mai. 2022.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional* / [org.] Helena Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. - São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventude, religiosidade e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. In. *Agenda Juventude Brasil : leituras sobre uma década de mudanças* / Organizadores: Diógenes Pinheiro ... [et al] . – Rio de Janeiro : Unirio, 2016.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-368, dez. 2018.
- MEYER, Birgit. Going and Making Public. Some Reflections on Pentecostalism as Public Religion in Ghana. In: *ENGLUND, H (Ed.)*. Christianity and Public culture in Africa. Columbus: Ohio University Press, 2011. pp. 149-166
- ORO, Ari Pedro. Religião, Coesão Social e Sistema Político na América Latina. In: *Coesão Social na América Latina: Bases para uma Nova Agenda Democrática: iFHC/CIEPLAN*. São Paulo, Brasil, e Santiago de Chile. 2008.
- ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. Consideraciones sobre el campo evangélico brasileiro. In: *Nueva Sociedad*, n. 280, p. 55-67, 2019.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Outros Ritmos em Escolas da Periferia de São Paulo. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 217-237, mar., 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623654713>> Acesso em 20 fev. 2022.
- PORELLI, Ana Beatriz Gasquez; ZAN, Dirce. O que as pesquisas sobre juventude e religião dizem a respeito da escola? In: *14a Reunião da ANPEd – Sudeste, 2020*. Anais eletrônicos disponíveis em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/23/7712-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em jun. 2022.
- PORELLI, Ana Beatriz Gasquez; ZAN, Dirce. Jovens estudantes de ensino médio, pertencimento religioso e pandemia Covid-19 In: *Juventudes ibero-americanas dilemas contemporâneos [livro eletrônico]* / Oliveira, Victor Hugo Nedel et al. (Org.) Santa Maria: Arcos Editores, 2022. pp. 251-270.
- UBES. União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. *NOTA SOBRE A VITÓRIA PELO #ADIAENEM*. 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://ubes.org.br/2020/nota-sobre-a-vitoria-pelo-adiaenem/> Acesso em: 23 set. 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00068820, abr. 2020. Disponível em: <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-chronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>> . Acesso em 18 set. 2020.

Recebido em: 11/02/2024.
Aceito em: 16/07/2024.

Ana Beatriz Gasquez Porelli

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da FE/Unicamp.

✉ ana_porelli@hotmail.com

🌐 <http://lattes.cnpq.br/7607929879814159>

🆔 <https://orcid.org/0000-0002-5073-71020567>

Dirce Zan

Docente do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação/Unicamp, bolsista produtividade CNPq e pesquisadora vinculado ao Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES/Unicamp).

✉ dircezan@unicamp.br

🌐 <http://lattes.cnpq.br/7180508418109437>

🆔 <http://orcid.org/0000-0002-3663-2232>